

O Yoga de Patañjali

Yoga, jungere, jugum

Não é fácil definir o Yoga. Etimologicamente, o termo *Yoga* deriva da raiz *yuj*, «ligar», «manter unido», «jungir», «pôr sob o mesmo jugo», de que provêm também o latim *jungere*, *jugum*, o inglês *yoke*, etc. O vocábulo *Yoga* serve geralmente para designar qualquer *técnica de ascese e método de meditação*. Evidentemente, tais asceses e meditações foram valorizadas de forma diferente pelas múltiplas correntes de pensamento e movimentos místicos indianos. Existe um Yoga «clássico», exposto por Patañjali no seu célebre tratado *Yoga-Sûtra*, e é deste sistema que deveremos partir para compreender a posição do Yoga na história do pensamento indiano. Paralelamente a este Yoga «clássico», existem, todavia, inúmeras formas de Yoga «populares», assistemáticas, e existem também os Yogas não bramânicos (por exemplo, o dos budistas, o dos jainas).

No fundo, foi o próprio termo *Yoga* que permitiu esta grande variedade de significados: se, com efeito, etimologicamente, *yuj* significa «ligar», é no entanto evidente que o «liame» estabelecido por essa acção de ligar pressupõe, como condição preliminar, a ruptura dos liames que unem o espírito ao mundo. Noutros termos: a libertação não pode ter lugar se não nos tivermos primeiro «desligado» do mundo, se não começámos por nos afastar do circuito cósmico, sem o que nunca nos chegaremos a reencontrar, nem a ter o domínio de



Um yogui do século VIII.

nós próprios. Mesmo na sua acepção «mística», isto é, mesmo no seu significado de *união*, o Yoga implica o desapego preliminar da matéria, a emancipação relativamente ao mundo. A tónica recai no *esforço* do homem («pôr sob o mesmo jugo»), na sua autodisciplina, graças à qual pode obter a concentração do espírito, mesmo antes de ter pedido — como nas variantes místicas do Yoga — o auxílio da divindade. «Ligar», «manter unido», «pôr sob o mesmo jugo», tudo isso tem por objectivo *unificar* o espírito, abolir a dispersão e os automatismos que caracterizam a consciência profana. Para as escolas do Yoga «devocional» (místico), esta «unificação» não faz mais, evidentemente, do que preceder a verdadeira união, a da alma humana com Deus.

Aquilo que caracteriza o Yoga não é apenas o seu lado *prático*, é também a sua estrutura *iniciática*. O Yoga não se aprende sozinho; é necessária a orientação de um mestre (*guru*). O yogui começa por abandonar o mundo profano (família, sociedade) e, guiado pelo seu *guru*, aplica-se a transcender sucessivamente os comportamentos e os valores próprios da condição humana. Esforça-se por «morrer para esta vida», e é aqui que melhor se vê a estrutura iniciática do Yoga. Assistimos a uma *morte* seguida de um *renascimento* noutra modo de ser: aquele que é representado pela libertação, pelo acesso a um modo de ser não profano e dificilmente descritível, que as escolas indianas exprimem por diferentes nomes: *moksha*, *nirvana*, *asamskrta*, etc.

O Yoga-Sûtra de Patañjali

De todos os significados de que se reveste a palavra *Yoga* na literatura indiana, o mais preciso é aquele que se refere à «filosofia» Yoga (*yoga-darçana*) tal como é exposta, em particular, no tratado de Patañjali, *Yoga-Sûtra*, assim como nos

The subject proposed.

अथातो योगानुशासनम् ॥ १ ॥

Aph. 1.—Now, then, the exposition of Concentration [is to be made].

a. The expression 'Now, then,' intimates [that] a [distinct] topic [here commences]; and it serves as a benediction* [—the particle *atha* being regarded as an auspicious one].

b. The word *yoga*, from the root *yuj* 'to keep the mind fixed in abstract meditation,' means such a restraining of the exercise of the mind, or Concentration.†

c. An 'exposition' is that whereby something is expounded, or declared, through its characteristic marks, its nature, &c. An 'exposition of the *yoga*,'—[such is the meaning of the compound word] *yogānuśāsana*. This [—viz. the expounding of the nature, &c., of Concentration—] is to be understood to be the topic even to the end of this Institute‡ [of PATANJALI'S].

d. But what is Concentration (*yoga*)? To this he replies:§—

आत्ममेवेत्यादिश्रुतिषु मुमुक्षूणां योगविधिरनुष्ठेयत्वेन ज्ञेय
तयावगम्यते ऽतो योगविधिमुपदिदिद्गुर्भगवान् पतञ्जलिश्च
व्यावधानाय तच्छास्त्रारम्भं प्रतिजानीते ॥

* अथशब्दोऽधिकारद्योतको मङ्गलार्थश्च ॥

† युक्तियोगसमाधानं । युज समाधौ ॥

‡ अनुश्रव्यते व्याख्यायते लक्षणस्वरूपादिभिरेव तदनुशा
सनं । योगस्थानुशासनं योगानुशासनम् । तदाशास्त्रपरिस
माप्तेरधिकृतं वेदव्ययम् ॥

§ को योग इत्यत आह ॥

diversos comentários ao texto. Um *darçana* não é evidentemente um sistema filosófico, no sentido ocidental (*darçana* = olhar, visão, compreensão, ponto de vista, doutrina, etc. da raiz *drç* = ver, contemplar, compreender, etc.). Não deixa, no entanto, de ser um sistema de afirmações coerentes, coextensivo à experiência humana, que procura interpretar no seu conjunto, a fim de «libertar o homem da ignorância». Segundo os termos de J. Filliozat: «Em sentido estrito, *darçana* significa *olhar*, embora se traduza geralmente por *sistema*. Justificam-se as duas interpretações. Os *darçana* são realmente *olhares* sobre diversos pontos do domínio filosófico. São também sistemas na medida em que constituem agrupamentos coordenados de noções. São ainda escolas porque a maior parte das vezes aqueles que os seguem transmitem sucessivamente de mestre a discípulo o ensinamento tradicional. E, sobretudo, os autores a eles ligados raramente compõem livros originais, comentam textos reconhecidos como fundamentais ou comentários a esses textos.» (*L'Inde classique*, II, Paris, 1953, p.1.)

O Yoga é um dos seis *darçana*, um dos seis «sistemas de filosofia» indianos ortodoxos (significando ortodoxo neste contexto: tolerados pelo bramanismo, ao contrário dos sistemas heréticos, como, por exemplo, o budismo ou o jainismo). Este Yoga «clássico», tal como foi formulado por Patañjali e interpretado pelos seus comentadores, é também o mais conhecido no Ocidente. Será pois conveniente começar a nossa exposição por uma revisão das teorias e práticas Yoga, tal como as formulou Patañjali nos seus *Yoga-Sûtra*.

Os *Yoga-Sûtra* consistem em quatro capítulos, ou livros (*pâda*): o primeiro, que contém cinquenta e um aforismos (*sûtra*), é o «capítulo sobre o êxtase yoguico» (*samâdhipâda*); o segundo, que compreende cinquenta e cinco aforismos, denomina-se *sâdhanapâda* («capítulo sobre a realização»); o terceiro, de cinquenta e cinco *sûtra*, trata dos «po-